**Capítulo um**

1

Alguns pesadelos vêm para lhe assombrar, alguns vem para lhe dar algum sinal, alguns vem para acelerar sua mente de formas abominável e, em suma, com menos frequência, os pesadelos que são reais. Não só na mente, aquele sentido pelos seus cinco sentidos de formas não predominadas. Elas vêm em formas de um tabuleiro de xadrez, não sendo ela uma criação real de sua mente, mas sim quando cai seu rei em forma de lágrimas. E seus sentidos lá, a mil, capitando tudo com você imóvel em uma maca, sem poder se defender da podridão feita por todos. Aquela podridão incompreendida por uma mente pouco sofrida. Ela é ligada através de um interruptor não localizado em uma simples parede e só é desligada com o abaixar esse tal interruptor.

Mayke não sabia quem ou o porquê, mas alguém tinha ligado seu interruptor. O choque com a frisão de tal ato foi o abrir de seus olhos.

Seus olhos cor de mel olharam primeiramente à tal luz vinda do teto, que vinha com raios do lampião pendurado por uma haste com uma corda para prender em uma mesa de madeira logo a direita do homem.

Depois do primeiro momento da capitação da luz, Mayke olhou para o rosto do homem. Viu que sua imaginação é realmente realista, pois o homem portava um chapéu de cano alto, com cabelos grisalhos (pouco cuidado, percebeu Mayke, pois um fedor de podridão vinha das duas direções da cabeça do homem), um nariz com a ponta apontando para baixo e uma boca mostrando um sorriso pouco casual. Sorriso esse que fez lembrar o da dor que vinha nas suas costas.

Mayke olhou para o aparato cor de prata que era portada por uma mão extremamente idosa com veias e uma cor caramelo aparente. Na ponta do aparato, Mayke viu uma seringa vazia, com o êmbolo até o final.

Ele colocou tudo, que coisa maravilhosa, que bom! Espera, bom? Bom o cacete! Balbuciou a mente de Mayke.

O homem começou o movimento da retirada da agulha. Mayke não percebeu, pois agora estava em uma onda que nem a pior das drogas consegue produzir.

Uma mão surgiu no teto. A mão segurava uma espada parecida com um cutelo dobrável. Mayke logo reconheceu a arma. Era igual a arma que seu avô usava para abater os porcos de sua fazenda. Uma lâmina serrada perfeitamente mortal em contado com a pele. Uma lâmina rara qualquer um no mundo.

Do lado da mão com a espada serrada, outra surgiu, agora com uma corrente de poucos nacos aparentemente pesada.

A mão com a corrente rodopiou no ar e jogou sua arma na lâmina, prendendo-a em questões de milésimos. Porém, a lâmina se abriu e a corrente foi partida.

As duas mãos lentamente foram saindo da visão de Mayke, que logo percebeu que tudo não passava de uma ilusão. Ou ele pesava que seria.

Quando olhou para o lado, Mayke viu o homem agachado abaixo de onde a corrente fora destruída. O homem se esticou para agarrar algo que Mayke não sabia o que era. Era a corrente? Era outra seringa? Espera, porque Mayke ainda não falou nada. Grita, faz algo, se não vão te servir em forma de ensopado para as feras degustarem! Estourou a mente de Mayke.

Mayke tentou levantar seu braço esquerdo, sem sucesso. Tentou erguer o outro braço e, novamente, sem sucesso. Um certo sentimento de medo veio como uma flecha em seu peito. Tinha algo no seu corpo que ele não sabia o que era. Poderia ser um veneno, poderia ser um feitiço paralisador de corpos, poderia ser alguma mistura que possa causar uma doença, poderia ser a própria doença da pandemia. Existia tantas variáveis em questão que fez Mayke esquecer de tentar levantar os braços de novo.

Muita coisa passava pela cabeça de Mayke, mas, umas coisas que ele veio a perceber foi que seu membro estava como um arranha-céu na maca (Mayke só percebeu que estava totalmente nu agora) presenciando um terremoto de cima para baixo.

Mayke não estava entendendo o que se passava. Olhou para o membro de novo e olhou para o homem que o olhava com um certo desgosto. Mayke ouviu bem lá no fundo:

- Então o garotinho aí acordou – Falou o Homem. – Vejo que está com vontade de mijar né? Ou você gostou do meu cofrinho? Seu moleque filho do diabo. Sabia que é falta de educação mostrar-se alegre na frente dos mais velhos.

- Noa eu noa kis vikar ercidafo senor – pronunciou Mayke. Em sua cabeça fazia sentido a frase, mas não sabe se ela saiu certa. Era difícil de falar. Segundos atrás ele nem conseguir aplicar vento a suas cordas vocais. Por um momento, uma euforia o tomou conta.

Mas a tal euforia foi cortada como carne de porco nas comemorações de sangue. O homem falou:

- Que? O que você disse moleque. Você vai ver. Vou cortar esse seu negócio que você nunca deve ter usado para as feras comerem.

Mayke não tinha percebido, mas o homem portava um cutelo dobrável em uma mão e, na outra, uma corrente.

Em questões de segundo, Mayke viu o homem se mover em sua direção, jogou a corrente atrás de si e pegou seu membro que agora estava cheio de sangue. Mayke não viu, mas ouviu, bem lentamente, o triste barulho do cutelo dobrável se abrindo.